

## O CANIBAL E O CAPITAL A ARTE DO *TELEFONEMA* DE OSWALD DE ANDRADE

Vinicius Dantas

*Os métodos modernos de negócio  
tornaram obsoleta a antropofagia.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“Telefonema” é a coluna de quando muito uma lauda que Oswald de Andrade manteve no *Correio da Manhã*, entre 1944 e 1954 – de todas as suas colaborações regulares, a mais duradoura (600 artigos)<sup>1</sup>. O que significa a arte de fazer o mundo caber num telefonema ?

É claro que passou o tempo em que o telefone simbolizava, com o cinema e o aeroplano, a própria modernidade, quando até um futurista paulista lhe devotava embevecida e boba celebração:

Pequeno monstro que tens uma boca e um ouvido, monstro de nervos metálicos e insensíveis, que, entretanto, vibram mais que uma alma em desespero!

Pequeno monstro vivo e inerte, que semeias o pavor e a ventura, com uma indiferença de carrasco, eu te amo e te odeio, eu te desejo e te fujo!<sup>2</sup>

Vinte anos depois o aparelho, sinônimo de alto-falante, é sinal de que a própria comunicação se tornou problemática e o escritor grita ao mundo suas opiniões meio ao léu. Telefonema também significa que nessa conversa íntima em público existem, no mínimo, duas vozes, atendendo o visceral dialogismo do estilo oswaldiano; o vezo chega a tal ponto que nas ocasiões em que dispensa os diálogos imaginários ou a transcrição de falas populares, ele simplesmente paragrafa com travessões ou dialoga consigo na terceira pessoa. Dialogismo quer dizer também que nenhum argumento vale em si mesmo, precisando ser cruzado com os demais, nenhum dá conta da situação que a todos envolve e contra todos se impõe: a opinião de Oswald é seu estilo de movimentar essas opiniões contraditórias, incorporando suas parcialidades para abrangê-las num mosaico significativo e em aberto.

Habitualmente, ele dá notícias de um livro, de uma exposição de pintura, da evolução de um artista, da regressão de outro, ataca o formalismo

das gerações novas (“a peste parnasiana que de novo invade os campos da arte e da literatura”<sup>3</sup>), apóia as marchas para Oeste e os sertanistas em geral, manda recados aos poderosos do dia (sempre com ânimo reformista), denuncia a tacanhez comunista, filosofa sobre moral e costumes, provoca os companheiros de geração e espinafra o conservadorismo, seu vizinho de todas as horas. Sua matéria cotidiana tanto podem ser os acidentes e desastres de todo tipo, os crimes (“A cidade que produz um grande crime pode dar uma grande literatura.”<sup>4</sup>), os quebra-quebras e as manifestações de fanatismo popular, quanto os avanços da medicina, a roubalheira da burguesia, a agricultura que sucumbia à indústria (solidariedade pelo poder econômico em declínio), o horário de verão, a qualidade do cafezinho, as migrações que chegam de pau-de-arara. Resumindo suas preocupações intelectuais e inquietações artísticas, ele decifra os destinos da política e os acontecimentos, sempre interpretados como sinais de uma tendência geral do mundo, a qual ainda não se configurou, nem enterrou completamente seu próprio passado. Mas sobretudo Oswald tem dúvidas: não sabe se o espetáculo que lhe é dado assistir anuncia, com o fim da Guerra, uma sociedade mais livre e mais justa, ou um mundo sem fraternidade e sem paz<sup>5</sup>. “Telefonema” não passa de dois dedos de crônica mundana e cultural, escrita com espírito subversivo de modernista radical que teve um dia de se duplicar em reformador social, visto que a modernização não coincidiu com suas próprias expectativas. É uma posição que tem pontos de contato com as posições finais de Mario de Andrade, por exemplo, no balanço da conferência do Itamarati, embora Oswald fabricasse diariamente – e o “Telefonema” é prova disso – uma teia enredadíssima de esperanças. Só isso é suficiente para que avaliemos a humanidade e a grandeza da posição artística e intelectual dos modernistas – capazes de compreender o Modernismo no momento em que ele fizera água.

A crônica, na versão oswaldiana, não pretende se integrar no cotidiano, nele habitar com naturalidade, falando uma linguagem solta e simples para aproximar os homens numa momentânea comunidade lírica<sup>6</sup>. Existe aí um ânimo teórico e uma agressividade especiais, de quem dispõe em sistema seus dados, procurando compreendê-los ideologicamente a partir de um remoto significado político mundial. Oswald não é um amante do miúdo, com o enleio de uma conversa fiada sedutora, escrita com oralidade e humanismo conservador. Seu cronismo tem muito de comentário jornalístico e filosofia espontânea – fatos, idéias, posições políticas, medidas governamentais, atitudes artísticas são o apoio de sua breve divagação que, sem preconceito, coloca todas as coisas na mesma igualdade de condições expositivas<sup>7</sup>.

Se a experiência intelectual está voltada para o cotidiano, que a magnetiza, seu estilo atesta a dificuldade de aderir à vida, de se reconhecer nos outros ou no Brasil, cuja realidade tem um teor de brutalidade maior que o de poesia – daquela “poesia que existe nos fatos” dos tempos do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Quase sempre Oswald procura com a ciência das pequenas observações, com o refabrico do fato registrado, alguma faísca de ficção que atice sua imaginação, produzindo um fabular marcadamente literário. Uma grã-fina com seu copo de uísque é o imperialismo que já se intrometeu nas festas da burguesia paulista, é o fracasso dos jesuítas que fundaram São Paulo, é o paroxismo racial dos que não se misturaram, é a estreiteza nacionalista que a cada dia adquire hábitos americanizados (esses croquis repetem na coluna do *Correio da Manhã* o clima de conflagração e debate existente na sociedade paulista de *Marco Zero*). Tudo vibra alegoricamente dado que a caricatura generaliza as reações, desindividualizando-as numa extensão vasta de grande literatura, embora o espaço seja exíguo e os figurantes nunca planem por sobre o diz-que-diz paulistano. Temos portanto um escritor implantado numa sociedade moderna, circulando entre classes sociais opostas, atento às coisas do dia a dia, às opções ideológicas e práticas, à vida intelectual e às oficialidades, cujo vasto conhecimento da política é exposto e posto à prova. Justamente a figura do escritor realista, se não for deselegante a lembrança, capaz de participar dos acontecimentos e se enfrontar na transformação do processo social, que Georg Lukács acreditava que 1848 havia enterrado.

Seu instrumento é uma frase carregada de estilo, às vezes preciosa nas imagens e humorística nas designações, que dramatiza por sinédoque o mundo, transferindo os vocábulos de seu uso habitual para a dimensão mais conceitual da generalização. Referindo-se a certa figura modesta que virou ladrão influente, ele diz que vivia “enterrado na antiga geléia dos bons costumes”; o sr. Animal de Barros, Adhemar, é “esse ladrão de galinha de ouro”; a conjuntura é a “pororoca mundial”; um deputado é um “caramelo de mediocridade”; de um intelectual, autoritário nas maneiras, diz que “não tendo cabeça tem voz”; do chefe integralista fazendo discurso numa festa diz: o “túmulo desdentado do sr. Plínio Salgado deitou falação”. O estilo brilhante dessa escrita viva e sarcástica dinamiza em grau máximo o universo do cronista e ao seu toque o mundo se torna pitoresco e essencialmente engraçado. É um estilo folhetinesco no metaforismo intenso, na adjetivação latejante, no ritmo de surpresas e fundos falsos da argumentação. Sua prodigiosa invenção verbal transforma em noção abstrata palavras concretas, mantendo

na abstração o travo do localismo ou da gíria familiar, deixando-as porém impregnadas pela proximidade do mundo do trabalho ou pela experiência cotidiana da cidade, embora não menos transfiguradas em um plano de poesia que é também interpretação da sociedade contemporânea. A linguagem desses “Telefonemas” está longe da simplicidade e despojamento da tradição brasileira da crônica, renovada que fôra há pouco, graças ao Modernismo<sup>8</sup>. Ao contrário, seu encadeamento retórico, com alguma altissonância, tem muito do esteticismo pré-modernista, o que não é óbice para a desmistificação contundente e a espinafração sem dó (convém lembrar que a expressividade sintática da frase a muitos fôlegos, cerrada e subordinante, de Mário de Andrade e Gilberto Freyre, sofre do mesmo atavismo sem prejuízo da beleza e força dela).

Depois que Vera Chalmers organizou e apresentou a coleção completa de *Telefonema*, ficou mais fácil avaliar a qualidade e também o limite desse estilo transbordante de sugestão, movimento, zoada, cujas vistosas figuras de linguagem lutam com o real<sup>9</sup>. Um pouco como se fosse função obrigatória da escrita (modernista ?) captar o mundo com vivacidade e produzir entre chistes e quiproquós verbais um encanto desautomatizador que quer para si toda a atenção. A dimensão trágica do pesadelo da história surge assim transfigurada nessa taquigrafia de imagens que mais se parece a um desenho animado, cheia de *non-sense* com cor local. A despeito de registrar uma época em que a falta de liberdade da vida se amplia, Oswald reitera com seu estilo agitado toda a liberdade de expressão de que é capaz, misturando fuxico e teoria da História, crítica literária e esbregues que só duram até a manhã seguinte, pois ele se reconcilia sem rancor. Drogado por sua espirituosidade e alegria, Oswald não teme colocar a moldura do pitoresco sobre tudo e encontrar a esculhambação exata e cômica que redima expressivamente aquilo que combate e destrói. Veja-se a maneira como noutra lugar referiu-se à Guerra Fria que começava, resumindo pitorescamente a tragédia: “Estamos num regime democrático, sob a proteção da bomba atômica”<sup>10</sup>. Estamos em certa São Paulo (“essa província lusa do Juízo Final”) dos anos 40 e 50 em que a alta burguesia toda se conhece e se frequenta, em que a vida cultural está sob a égide da grã-finagem que soube se adaptar ao Estado Novo e à industrialização. Seu cenário típico é um apartamento vasto da Praça de República ou a casona do Jardim América onde desfilam numa reunião festiva os principais personagens do pós-Guerra: os ricos que só planejam abusar da margem de lucro, burlar o fisco e enriquecer à custa do estatismo, as novas gerações que adquirem uma naturalidade que não dá para saber se é

uma nova barbárie ou uma humanidade pacificada com o instinto, a intelectualidade que se acomoda em inquietações existenciais inflando veleidades universalistas. É uma comunidade primitiva na qual as relações pessoais prevalecem sobre a inexorabilidade dos processos econômicos e a ciranda do jogo político, o que permite que Oswald se dirija pessoalmente aos governantes e aos grandes empresários, tomando satisfação, aconselhando ou bronqueando em clima cordial. Tenho para mim que essa personalização excessiva deforma sua percepção: a proximidade é humanizadora e muito paternalista, vincando inclusive o estilo oswaldiano que, salvo erro, pressupõe o efeito da piada sobre o salão e o posterior conagraçamento da audiência. Todavia, nosso Antropófago sublinha a ferocidade dessa classe e sua infinita capacidade adaptativa, descrevendo-lhe o comportamento anti-social em toda a gama de venalidade, corrupção, esperteza política e falta de traquejo. A humanização em parte é devida a seu fracasso pelos ricos que patrocinam as artes, compram quadros e promovem este ou aquele artista, afinal estamos numa sociedade em que um mero concerto de música contemporânea vira uma eterna estréia de *Le sacre du printemps* e um empresário amigo das artes adquire logo as feições de um Lourenço de Médicis<sup>11</sup>. Oswald também tem uma caidinha pelo assistencialismo e pela filantropia, não obstante o viés humanizador provenha sobretudo do papel que, segundo ele, a cultura passaria a desempenhar no mundo do pós-Guerra com a atenuação do poder econômico.

Oswald jogava desse modo sua última cartada de utopia – o fim da Guerra acarretará, profetiza, uma inflexão histórica ora no “crisol de um amanhã melhor”. Tanto a volta ao estado de direito com a queda de Getúlio Vargas, quanto a vitória dos aliados sobre o Nazifascismo, acenderam nele tal otimismo que a redemocratização é vivida como o fim do clientelismo (“a política de clã”) e o tratado de Teerã sinaliza o início de uma coabitação pacífica dos dois sistemas. O imperialismo aceitará (só Deus sabe como) as regras de uma civilização contratual e democrática em que a ingerência do poder militar e econômico já não será aberta<sup>12</sup>. Controlados os interesses do capital, haverá uma democratização geral, com melhoria material da vida e primazia do tempo livre, pois a diminuição da necessidade do lucro conduz à auto-reforma do capitalismo. Por outro lado, o socialismo se humanizará com o fim da ditadura do proletariado e da luta de classes, ocasião para se pleitear na linha de Earl Browder a autodissolução dos partidos comunistas<sup>13</sup>. Logo, porém, os fatos rechaçam uma por uma as esperanças atizadas com fervor, propondo novas realidades que escapam à lógica linear da sua

idiossincrasia utópica. Todos os acontecimentos e tendências sociais registrados cotidianamente nessas crônicas o desmentem, e ele muitas vezes o reconhece, porém Oswald enfuna as velas da utopia do matriarcado e da Antropofagia, tudo para não admitir, como faz ainda hoje um Fukuyama, que o particularismo cultural não salvará o capitalismo. Mas é preciso dizer que a utopia não embaraça certa compreensão do processo mundial, chegando a ser originalmente sistêmica nos momentos em que o esforço soviético de industrialização parece idêntico à tentativa levada a cabo por Vargas, cujo resultado porém...não vai muito além do capitalismo. De passagem, note-se que os artigos sobre política brasileira são a maioria e, em geral, têm grande interesse e graça, desmentindo sob a pátina de sarcasmo a idéia de que Oswald era um franco-atirador irresponsável – a crônica “Palavras a Prestes” por exemplo demonstra, mesmo depois de afastado dos quadros comunistas, a sua correção e senso de justiça com aquele de quem há pouco, num desatino, disse ser “depois da morte de Roosevelt, a maior figura política das Américas”<sup>14</sup>. É importante frisar que Oswald rompeu com o comunismo por atritos pessoais e sem uma crítica consistente ao stalinismo, desentendendo-se com o rumo local da linha política imposta e com a ortodoxia que, segundo ele, não via a mudança das condições objetivas no pós-Guerra<sup>15</sup> (Stálin continuava apesar de tudo aquela mesma “Ponte de aço conduzindo a humanidade ao futuro” da hipérbole hedionda e publicitária de dez anos atrás<sup>16</sup>).

Enfim, Oswald se converteu *malgré lui* num moralista que encara contrafeito a modernização do país, a destruição da vida popular, a americanização dos costumes e a manipulação da linha de massa do populismo que, em países como o Brasil, barra os avanços da classe trabalhadora e a democratização profunda das estruturas sociais<sup>17</sup>. Continua a amar senhorialmente o povo, este povo que saltava da miserabilidade para a proletarianização e, por isso, demonstrava reconhecimento e admiração pelos demiurgos desse salto – o que explicaria a base social do populismo (vejam a cena no enterro de Roberto Simonsen dos populares disputando as alças do esquife burguês...). Ou, como diz num “Interurbano oficial” (dirigido ao General Dutra): “O Brasil é um país de escravos que teimam em ser homens livres. É essa toda a nossa tragédia”. A proletarianização também fica aquém da expectativa, traz consigo diversa anomia e o mais despoetizado plebeísmo, a que, noutro lugar, ele reage com decepção: “Estamos longe da Casa Grande mas não da Senzala”<sup>18</sup>. Tendo em alta conta as conquistas sociais do trabalhismo, denuncia a burrice comunista que preferiu se submeter às ordens de Moscou e

parasitar o sindicalismo oficial. Em grande número de crônicas protesta contra a liquidação do lirismo popular – aquela reserva florestal de brasilidade (que Caetano Veloso até hoje acredita que existe na Bahia) estava acabando justo para o poeta que lhe vislumbrara a beleza vanguardista nos anos 20. Graças a *Telefonema*, a gente acompanha a transformação desse povo lírico e bom em proletário, em consumidor americanizado, em mão de obra espoliada pelo trabalho fabril e mecânico, a caminho da sindicalização e do paletó preto – o símbolo da reificação trazida pelo Varguismo. Se é verdade que houve melhoria de vida e diminuição da miséria, o povo desrecalcado e desneurotizado sumiu do mapa. Paradoxalmente, a difusão da civilização técnica e a cultura de massa desassossegam o velho poeta pau-brasil que, sem entusiasmo, as observa no diário, registrando o consumismo, a falta de caráter, o comercialismo das mulheres automáticas, a desmoralização do lar, a crise do parentesco, que destruíram as fontes dionisíacas (portanto, pré-freudianas) da vida<sup>19</sup>. Todavia o otimismo criação de nosso Antropófago luta o tempo inteiro com aquilo que vê e descreve e, com o orgulho de quem contribuiu para tirar o país da pasmaceira da República Velha, reafirma suas convicções se agarrando nostalgicamente à tradição que ajudou a abalar. Tem muita fé no Brasil, “este velho país sem pecados, sem remorsos e portanto sem culpa”, o país “secularmente democrático e popular” que assiste o desenrolar de nosso tempo, ao largo de seus horrores (o tradicionalismo aqui é similar ao de Gilberto Freyre, embora a teoria seja outra). A experiência de vida do cronista desmente porém sua positividade ingênita, tanto que seu populismo radical sabe que agora é preciso salvar o povo da cultura de massa, das classes dirigentes e do exemplo desagregador dos políticos – mas salvar como<sup>20</sup> ? Mesmo que o comunismo tenha permitido que ele refundisse seu sentimentalismo, aguçando-lhe o senso de indignação contra a pobreza e as desigualdades sociais, as possibilidades de transformação têm pernas curtas, geralmente decepadas pelo trabalhismo apoiado pelo PCB. Diga-se o que se disser dessas posições polêmicas, acho que elas tiveram contudo o mérito de incorporar para a crítica e a discussão política o perfil novo do proletariado, da classe média, atentando na distribuição da riqueza no país com seu padrão de desigualdade peculiar, num mundo em que, segundo ele, a luta de classes se atenuou, a ideologia se tornou técnica social e o progresso material não teve equivalência espiritual. Vejam só:

Meu caro, o conceito de proletariado mudou de Marx para cá. Houve uma redistribuição da mais-valia, houve as leis sociais. A ciência nos países avançados fez do trabalhador

um técnico. Nos países atrasados tem havido uma proletarização em massa. Não se pode mais invocar seriamente a ditadura duma classe que deixou de ser “revolucionária”, que se aburguesou. O que resta é mesmo o grupo, o partido, o fascismo. Eles!<sup>21</sup>

Se a mitopoética antropofágica não é senão outro modo de tratar a cena contemporânea, devemos compreender sua retomada nas condições do pós-Guerra como uma resolução positiva e brasileirista do mesmo processo histórico-social que produziu a dialética do Iluminismo de Adorno e Horkheimer, o teatro do absurdo, a escultura de Giacometti ou o neo-realismo italiano. Recolhendo a experiência recente e formulando uma espécie de diagnóstico de seu tempo, essa mitopoética esquematicamente se propõe assim:

[...] é a seguinte a formulação essencial do homem como problema e como realidade:

1o termo: tese – o homem natural

2o termo: antítese – o homem civilizado

3o termo: síntese – o homem natural tecnizado

Vivemos em estado de negatividade, eis o real. Vivemos no segundo termo dialético da nossa equação fundamental.<sup>22</sup>

A meta dessa teoria é o homem natural tecnizado – uma solução para a crise final do ciclo do individualismo burguês. O bárbaro tecnizado na antiga Antropofagia representava, como se sabe, o rebelde colonial, ou da periferia, que ousava se apropriar da cultura e da civilização européias para fazer por meio da técnica alheia a emancipação nacional, ou então, completar sua modernização – consumando aquela vingança extrema que subsiste, segundo Montaigne, na idéia da antropofagia indígena. Oswald não dormiu no ponto: discerniu rapidamente que a emancipação genuína só podia mesmo ocorrer no campo da sociedade revolucionária e comunista – sua adesão ao comunismo por assim dizer decorreu do visionarismo antropofágico e teve por isso qualquer coisa de lógico, comprovando a consistência social e política da invenção poética. Mais adiante, não lhe escapariam tampouco as implicações que esse primitivismo, com seus aspectos de expropriação direta e estilização da violência, adquiria numa época marcada pelo Nazismo. Tanto que um personagem de *Marco Zero*, o Major da Formosa, latifundiário em decadência, grileiro, alcoólatra, na mocidade estudante de Oxford, onde viveu uma época de nietzschianismo prático, no presente espírita e integralista, a certa altura de *Chão*, observa: “- A Antropofagia, sim, a Antropofagia só podia ter uma solução – Hitler! No entanto os integralistas cristianizaram-se. Deus, Pátria e Família! E eles, os antropófagos que tanto prometiam,

foram para o marxismo. É ininteligível! Eles cantavam o bárbaro tecnizado! E que é o bárbaro tecnizado senão Hitler?”<sup>23</sup>

Em 1943, ao advertir em depoimento a Edgard Cavalheiro que a imagem antropofágica estava suspensa até segunda ordem, pois fora usurpada pelo Nazismo, Oswald não perdeu o azo de ironizar que a Antropofagia tinha tudo para se tornar uma filosofia da devoração pela devoração, podendo legitimar qualquer forma de regressão e barbárie como aquela a que se assistia, agravada pela Guerra. Chega a aventar com algum sarcasmo a possibilidade de que surgisse uma Antropofagia transcendental, pregando a devoração como um estilo de ataque conservador, a favor do Fascismo. Mas vai logo esclarecendo: seu primitivismo opunha-se a tal vertente de Direita porque apostava inequivocamente no progresso técnico com socialização de seus benefícios e transformação das relações sociais<sup>24</sup>. Cabe à retomada da teoria antropofágica no pós-Guerra desbarbarizar o bárbaro tecnizado, reencontrando um fundamento progressista para responder de modo peremptório ao impacto do nazismo e ao autoritarismo da engenharia social totalitária. É curiosamente nas crônicas de *Telefonema* que o leitor começa a conhecer a formulação filosófica, antropológica e existencial da devoração pela devoração, a mesma que ele havia descartado. Contudo, nos deparamos para a nossa surpresa com um arremedo da Antropofagia transcendental mencionada, o qual no entanto tem clareza suficiente para vincular progresso técnico à utopia de uma sociedade revolucionada pelo ócio, pela liberdade e pelos afetos. Oswald insistirá na utopia, doravante fundindo temas da Antropofagia, do Marxismo, do Existencialismo, do Comunismo, com o retorno do Matriarcado, às vezes sem muita consistência, mas sempre dando precedência à literatura sobre a ciência. A verdade é que a esperança antropofágica, travestida de cultura matriarcal, lhe resta como o único legado do tempo das possibilidades extraordinárias abertas pela Revolução. Que ele não quer deixar morrer.

Causa espécie que o impulso dessa retomada se deva – é o que esses telefonemas só confirmam – às leituras existencialistas, as quais estimularam Oswald a converter a Antropofagia numa argumentação filosófica ou num **kit** de filosofemas para defender um fundamento anti-messiânico e não-autoritário de uma teoria do ciclo cultural. Sobretudo depois de Auschwitz, ela ainda oferece um destino espetacular e auspicioso ao Brasil (e não menos ao Novo Mundo) – e não custa lembrar, sem qualquer traço do piadismo dos anos Vinte. Tendo a aparência de uma autêntica teoria da História, essa Antropofagia tardia leva a realidade nacional a se debater com os destinos

mundiais da civilização. Outros temas igualmente assimilados foram a valorização absoluta da liberdade e da irreduzibilidade individuais, conciliáveis com o sentimento religioso e místico. A influência do Existencialismo se prestaria por outro lado a barrar o materialismo freudiano que desmantelou o mistério do inconsciente e da interioridade (Oswald repete antigas posições anti-Psicanálise dos anos Vinte). A fenomenologia dos enclacamentos da intersubjetividade impulsionou essa nova dialética da devoração a se tornar mais e mais existencial e se tingir de uma angústia temporal que faria rir a turma da *Revista de Antropofagia*. Nada disso quer dizer que nosso Antropófago tenha virado como Chiquita Bacana um “existencialista com toda a razão”, pois sua filosofia desconhece o absurdo primordial e não privilegia a ação ou a escolha individual (tudo se resolvendo pela evolução cultural). Porém, a influência existencialista me parece decisiva para Oswald aceitar a submissão como liberdade, tal como fica patente nessa Antropofagia devorada à “irreversibilidade do acontecer”: “Mas, de pé diante do irreversível, o homem deve se deixar devorar sem medo. Não é outra a função da vida”<sup>25</sup>. Aqui não há lugar mais para a devoração guerreira, ao contrário o homem se oferece à vida num gesto de conciliação, ou fusão moral, interpretado como abertura ao mundo ou ida ao Outro, que o devora em harmonia. A Antropofagia vira comunhão, compartilhamento da alteridade, um “viver nos outros” que modifica a relação Eu-Outro e permite que a relação intersubjetiva traga em si uma célula anti-concorrencial, portanto, anti-capitalista. A devoração moral traz para dentro do Eu a responsabilidade pelo Outro, ao qual agora o Antropófago dedica desvelos de mãe ou amor ao próximo (como queiram). O Eu é o Outro numa figuração humanizadora em que a devoração, sem qualquer canibalismo, é um modo de vencer a solidão e superar o desamparo, tendo porém assegurada dentro de si a vigência da totalidade. A Antropofagia, cada vez mais enfraquecida, como se vê, se deslocou do âmbito do conflito cultural, do colonialismo, da dominação técnico-militar, dos mecanismos de apropriação e da insuficiência de formação cultural, para o espaço da experiência interior e da teoria dos ciclos e arquétipos culturais. Ela não é mais uma tática, um procedimento crítico, uma ação revolucionária para surpreender o inimigo ou a reivindicação espalhafatosa da parte do vencido na história do vencedor. Na versão nova, ficou de fora inclusive o tema da inautenticidade nacional, tão importante nos anos Vinte; mas o que é mesmo uma pena é Oswald lhe ter quebrado a viva aresta polêmica.

Com a perda de sua fibra libertária, esse pensamento da devoração passa a expressar uma consciência histórica difusa, mais característica de um ser

complexo e torturado (nascido de hibridizações e bifurcações da história da humanidade) do que de um mau selvagem, jamais de um homem natural e livre. A cúpula dessa arquitetura especulativa é justamente a ressurgência da cultura matriarcal – um mundo íntegro de sentido, tal qual fora para ele o Comunismo. Oswald argumenta que o estilo de dominação patriarcal, tendo atravessado a Antiguidade e os tempos modernos, culminando no stalinismo, foi o responsável pelo recalque das potencialidades de uma civilização coletivista. Imagina que a sua tarefa intelectual é agora inventariar os indícios da passagem do Matriarcalismo pela História, atestando a presença de uma possibilidade não-cumprida e sempre abortada. Até a imagem da Idade de Ouro (tempo de suspensão de toda contradição, plenificado pela inexistência de bem e mal) é restaurada para que a especulação matriarcalista seja dotada de um vetor apoteótico, o que desequilibra a sua negatividade crítica<sup>26</sup>. Porém, se Oswald persevera insistindo no desenlace positivo é porque o tabu, pela própria lei do progresso antropofágico, será permanentemente transformado em totem. Ainda assim, a teoria do Matriarcado (pouco presente nas crônicas de *Telefonema*) acabou sendo o último sopro anticapitalista de Oswald, com sua defesa visionária do ócio contra as pressões da concorrência e do negócio. Tudo isso no entanto nos previne contra o culturalismo de seu remoto marxismo, entregue à luta entre matriarcado e patriarcado e que, outra vez, volta a apregoar a chance nacional de países anticapitalistas como o Brasil, feito de liberdade, confusão racial e preguiça, num tempo em que o capitalismo estaria superando a vulgaridade do lucro. Se o otimismo da teoria foi ultradesmentido pelo andamento da História, o mesmo não pode ser dito do estilo literário que a formula: muitos telefonemas nos interessam e ainda podem ser lidos apetitosamente porque a imaginação do escritor é maior, muito maior, que a sua filosofia, já arquivada C O R T E mas sempre ressuscitada toda vez que se quer exhibir na mídia e nas instituições oficiais de cultura uma imagem de quanto o Brasil oligárquico é confusamente transgressivo e nacionalista.

Em linha contrária à da sua prosa filosófica ou da sua teoria do Matriarcado, a crônica jornalística descreve uma sociedade que está longe da síntese tão apregoada e que tem tudo para infirmá-la. O Brasil de *Telefonema* assinala direta e indiretamente a gratuidade da especulação utópica, enraizando suas teses numa matéria de interesses concretos, alheios (e como!) à racionalidade civilizatória do prometido ciclo cultural. A técnica está enredada nas relações sociais brasileiras, que dela se apropriam e a parcializam, o que a modifica inteiramente, a ponto de desidealizá-la por seus resultados

limitados. A prosa do cronista não a mitifica, diversamente do que faz a prosa do filósofo, que a transformou num conceito dissociado da reprodução do social, embora fosse o motor das potencialidades abstratas de transformação. Encarnada no dia-a-dia brasileiro, a técnica não está separada da reprodução do social e tem uma função econômica que desabona a especulação teórica, aqui sua vigência desqualificada é também espoliadora. Nos “telefonemas”, ela é descrita, à maneira expressiva do escritor, sob a batuta paulista de uma galeria de gente inescrupulosa, simpática e insaciável, cuja cegueira política e social, para bem da miséria geral, não impede o bom êxito nos negócios. O aceno à esperança subsiste, porém denota tão somente o lado pio do próprio Oswald, que sempre e que pode elogia a eficiência moderna da técnica – no hospital limpo, na dedicação do enfermeiro ou até na criança que gosta de mecânica de automóvel; vê-se que ele aprecia mesmo a superação da miséria e um pouco de progresso, sem os quais não dá para viver. A crônica oswaldiana não mascara o abismo entre projeção utópica e realidade, abismo verdadeiramente grotesco que lucidamente é escancarado. Reagindo como cidadão enxovalhado, o cronista é obrigado a enfrentar atenta e criticamente as formas novas e terríveis de sociabilidade capitalista que surgiam, ao mesmo tempo que não lhe escapa a parte (inesperada) que as forças progressistas tinham nelas. “Telefonema” é o picadeirinho onde o mundo desfila suas guerras e escaramuças, animado (em primeiro plano) pela política de âmbito nacional, em que ainda se pode ter iniciativa e mesmo mudar o jogo, e (em segundo) pelos destinos do mundo, cujos peões já não podem ser movidos (a não ser, conforme os desdobramentos de sua filosofia, na vigência do tão aguardado ciclo do matriarcalismo). Na coluna “Telefonema”, a tirada aguda não precisa forjar uma doutrina para se justificar, dispensando o apoio do amadorismo especulativo e da erudição improvisada. Nesse picadeirinho, a vedete é a frase cheia de exemplificações concretas que mimetiza argumentos de muitas vozes e desenha um perfil complexo das dificuldades que esse homem admirável tem para definir, sem voltar atrás, uma posição à altura de seu horror ao mundo da concorrência e da neurose.

Bem se viu que o antropófago sobreviveu ao canibalismo – feio e vulgar – do capital. Por isso, o antropófago que sai dessas crônicas mais parece o homem polido e cordial que, antigamente, na boa civilização patriarcal de nossos avoengos, estava a salvo da lógica do dinheiro e da sociedade de massas. Só lhe resta agora descobrir aos trancos, e muito a contragosto, a lógica conservadora da modernização real<sup>27</sup>. Trinta anos depois, num aforisma,

Carlos Drummond de Andrade concluiria sem hesitações: “Os métodos modernos de negócio tornaram obsoleta a antropofagia”<sup>28</sup>. Claro que, por superestimar a utopia, Oswald não pode ter essa clareza drástica, afinal pequenos e grandes sinais de progresso na vida brasileira, todos eles, derretem seu velho e carcomido coração – como se estivéssemos nos movendo devagar mas sempre para adiante, por comparação com o passado. A série de meditações hospitalares com que Oswald dá um balanço na vida é um momento de extrema resignação e apaziguamento; por fim a Antropofagia se converteu para ele numa consolação filosófica, um espiritualismo moderno e órfico, um autêntico cristianismo tropical, socialmente generoso e ecumênico<sup>29</sup>. A trajetória se encerra com amargura e muita fé, acrescida do sofrimento da doença e do cansaço. Um dado a mais da humanidade de Oswald é a sua consciência de que chegou ao fim iludido sistematicamente por seu otimismo social, pois o tempo que lhe foi dado viver encobriu e distorceu sua percepção. Ao fim e ao cabo, tanto a República Velha quanto o Estado Novo e o governo Vargas, uma embalada pelo último ciclo do café, os outros, pela industrialização de base, foram interregnos em que as condições internacionais favoráveis fizeram-no acreditar ilusoriamente numa chance nacional de modernização genuína<sup>30</sup>. Mas ele não é homem de escomotear que a miséria permanente desse povo que já nem povo é, a brutalidade modernizadora, o absurdo beckettiano da política brasileira<sup>31</sup>, a parcialidade da revolução artística, estão aí a machucá-lo. Digamos que foram ilusões históricas poderosas, mais do que ilusões meramente pessoais desse filhinho de mamãe canibal, tanto que se precisou esperar até 1964 para serem dissipadas de vez (acho que minto) do nosso horizonte.

## Notas

<sup>1</sup> Oswald de Andrade. *Telefonema*. Pesquisa e estabelecimento de texto, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. São Paulo: Editora Globo, 1996.

<sup>2</sup> Menotti del Picchia. “Elogio do telefone. Poema futurista”. In: *O Gedeão do Modernismo: 1920/22*. Introdução, seleção e organização: Yoshie Sakiyama Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983, p. 218. Publicado originalmente na “crônica social” assinada por Helios no *Correio Paulistano*, em 1º/5/1921.

<sup>3</sup> ANDRADE, *Telefonema*, p. 303.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 298.

<sup>5</sup> O itinerário das colaborações deste *Telefonema* está marcado, todo ele, pela dialética da esperança e da decepção. Iniciando-se sob o Estado Novo, aí se expõe largamente de que modo a discussão sobre a noção de responsabilidade intelectual, a crise burguesa, a fase de transição, se beneficiou da gravida-

de do clima de guerra e fez em seguida emergir uma onda de agitação e participação que logo se articulava com o debate público da Esquerda. Este clima pode ser notado na única coletânea editada pelo próprio Oswald de seus escritos de jornal: *Ponta de Lança* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945), uma reunião de artigos, conferências e crônicas, todos tocados pelo desarranjo do debate ideológico e pela relativa liberdade de expressão, já possíveis em 1943 depois da entrada do Brasil na guerra. Recentemente foi publicada outra antologia que, não só completa o conjunto de artigos da coluna “Feira das Sextas” (1944-1945), como lhe acrescenta alguns mais do período: *Feira das Sextas*. Organização e introdução de Gênesse Andrade. São Paulo: Globo, 2004.

<sup>6</sup> Antonio Candido já afirmou que Oswald “[...] foi grande polemista e jornalista, pondo no ensaio curto, no artigo, na breve nota, algumas das suas melhores intuições e das suas melhores realizações estilísticas”; e também Mario da Silva Brito se indagou: “Será apressado afirmar-se que o melhor Oswald está disperso pelos vários jornais onde esbanjou o seu fulgurante talento valendo-se de um estilo nervoso, imprevisto e original. Mas certamente nesses artigos se encontra muito do melhor que pensou e tinha a dizer.” (respectivamente em “Prefácio” a Oswald de Andrade, *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964, p. 5 e em BRITO, *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 95). Especificamente sobre a prosa dispersa existe matéria esclarecedora no apanhado sintético de Luís Martins, “Oswald de Andrade – jornalista”, incluído no seu *Suplemento Literário* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972, pp. 55-64) e na tentativa de lhe examinar bakhtinianamente a trajetória esboçada por Vera Maria Chalmers em *3 linhas e 4 verdades (O jornalismo de Oswald de Andrade)*. São Paulo: Duas Cidades / Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

<sup>7</sup> O conjunto é desigual e percorrido por ondas de interesses. Numa fase, a política sobrepuja, noutra, o ramerrame paulistano, chegando Oswald até a praticar um colonismo social intelectualizado. Nos últimos tempos, o telefonema é curto, quase uma nota. Vale registrar alguns momentos altos do conjunto: “Diálogo contemporâneo”, “Bilhete aberto”, “O homem que jogou no bicho errado”, “Interrurbano oficial”, “Virar índio”, “Civilização”, “Por uma recuperação nacional”, “Serão”, “Monólogo do tempo presente”. A periodicidade da coluna é irregular com grandes lacunas, mas por vezes em horas mais intensas se torna diária.

<sup>8</sup> “Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga.” (Antonio Candido. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 26)

<sup>9</sup> Anteriormente a pesquisadora havia organizado com o mesmo título uma seleta breve de artigos das colunas fixas de Oswald em jornal desde 1909: ANDRADE, *Telefonema*. Brasília: INL-MEC / Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

<sup>10</sup> É um aparte de Oswald ao debate que se seguiu à conferência de Caio Prado Júnior sobre “Capitais estrangeiros” em 1949. A partir da transcrição taquígrafada pelos policiais do DOPS este documento interessantíssimo foi reconstituído e publicado por Paulo Henrique Martinez em *praga*. São Paulo: nº 1, set-dez, 1996, pp. 81-97.

<sup>11</sup> “Se há um homem que indique e documente as transformações do Brasil, é ele Assis Chateaubriand. Do jornalismo, as suas atividades passaram a intervir na aviação, na indústria, na vida social e política e afinal vieram desaguar num setor até aqui abandonado – o das Belas-Artes. Transformar uma sociedade de pif-pafeiros, de preciosas e de *brokemakers* numa platéia interessada por quadros e esculturas

é obra inesperada e gigantesca.” (ANDRADE, *Telefonema*, p. 283; fiz três correções no texto).

<sup>12</sup> É preciso lembrar que *mutatis mutandis* são posições compatíveis com a propaganda comunista que não só apresentava a União Soviética como a grande vencedora da Guerra, mas via sob a sua égide a inauguração de uma nova era da humanidade. “O imperialismo está moribundo” também afirmava Luiz Carlos Prestes no comício de São Januário em maio de 1945. Os argumentos de que estavam esgotadas as condições históricas da ditadura e do imperialismo eram de larga aceitação e testemunham a ilusão dos que acreditaram que a vitória aliada, dada a participação soviética, instauraria uma coexistência pacífica duradoura.

<sup>13</sup> A adesão à posição do líder do Partido Comunista dos Estados Unidos (logo derrubado) talvez hoje só seja compreensível se imaginarmos o quanto ela participa dessa poderosa ilusão coletiva da coexistência pacífica (no lusco-fusco de sua saída da prisão, quando Prestes vacilava entre programas e ainda não definira posição, até ele adotaria brevemente o liquidacionismo de Browder, conforme nos recorda Tito Batini nas suas *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, p. 257). No entanto, a posição de Browder confirmava também em Oswald convicções anteriores (formuladas a partir dos anos Quarenta, certamente amadurecidas ao longo do processo da industrialização brasileira e da experiência do Estado Novo), como por exemplo a defesa de uma burguesia social com espírito empreendedor, ligada à produção e não às finanças, capaz de correr risco e multiplicar a riqueza contra o egoísmo do lucro. A idealização titânica do empresário de vocação social antecedeu a adesão às teses de Browder, encontrando-o já predisposto à cooperação de classes e ao apaziguamento dos ânimos revolucionários. Vejam-se nesse sentido “Os princípios eternos...”, de 23/7/1943 em ANDRADE, *Feim das sextas*, pp. 91-95. As viravoltas de Oswald são menos erráticas ou oportunistas do que parecem...

<sup>14</sup> Oswald de Andrade, *Os dentes do dragão. Entrevistas*. Pesquisa, organização, introdução e notas de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Editora Globo / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990, p. 97.

<sup>15</sup> A crítica ao stalinismo só afloraria a partir de 1948, aparecendo mais desenvolvida na tese *A crise da filosofia messiânica*, porém no bojo da crítica à cultura messiânica que emperra o advento do Matriarcado, veja-se em Oswald de Andrade, *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias. Manifestos, teses de concursos e ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL - MEC, 1972, pp. 115ss.

<sup>16</sup> Oswald de Andrade, *Dicionário de bolso*. Apresentação, pesquisa, estabelecimento e fixação do texto por Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Editora Globo / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990, p. 83.

<sup>17</sup> Notem a empostação de pai de família na pele do observador de seu tempo: “Quando a família se desmancha em *glamour-girls*, mulheres automáticas e folgados amigos do alheio automóvel e do alheio *drink* é que lavra um evidente desajustamento nos velhos quadros que presidiram a nossa formação. Nem se vai para diante, pois persistem os preconceitos e as leis da velha gente patriarcal, nem se volta para trás, pois acabaram-se as rótulas e não é possível a vigilância sobre a meninada de ambos os sexos que parte cedo para as escolas, os centros de esporte, os acampamentos, os grêmios recreativos, o ganha-pão.” (ANDRADE, *Telefonema*, p. 319)

<sup>18</sup> ANDRADE, *Feim das sextas*, p. 130.

<sup>19</sup> “...não há mais nem biologia, quanto mais mitologia. Que é o Carnaval senão diferenciação, marca, personalismo, arte e floresta? Tudo isso afundou no caos, não porque o povo haja subido. O povo, coitado, está trabalhando e vivendo com vigorosa honestidade e era simplesmente a Grécia que ele ressuscitava no Rio, na Praça da Bandeira, nos tempos idos, anteriores a Getúlio Vargas. O que subiu

foi a ilusão de cultura, isto é, o pernosticismo.” (ANDRADE, *Telefonema*, p. 140).

<sup>20</sup> Para exemplificar a transformação por que passou o populismo literário após o Estado Novo, lembro que dez anos antes havia uma adesão comovida à força do povo, que transmitia uma imagem de insurreição contida, desespero, alegria e vida sufocada pela exploração, como a retratava digamos Rubem Braga na crônica revolucionária dos tempos da Aliança Libertadora Nacional: “De longe vem um rumor, um canto. Vem chegando. Toda gente quer ver. São quinze, vinte moleques. Devem ser jornalheiros, talvez engraxates, talvez moleques simples. Nenhum tem mais de 15 anos. É uma garotada suja. Todos andam e cantam um samba, batendo palmas para a cadência. Passam assim, cantando alto, uns rindo, outros muito sérios. Todos se divertindo extraordinariamente. O coro termina, e uma voz de criança canta dois versos que outra voz completa. E o coro recomeça. Eles vão andando depressa como se marchassem para a guerra. O batido das palmas dobra a esquina. Ide, garotos de Vila Isabel. Ide batendo as mãos, marchando, cantando. Ide, filhos do samba, ide cantando para a vida que vos separará e vos humilhará um a um pelas esquinas do mundo.” (Rubem Braga, *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p.100). Nessa época, Rubem Braga estava inventando na crônica um estilo de inquietação política altamente pessoal: “Aqui encontrareis os queixumes e os palpites de um jovem jornalista pequeno-burguês, de um país semi-colonial. Também encontrareis um ou outro sorriso. Mas não muito alegre. Sempre tive maus dentes e não conheço, por isso, o riso rasgado, fácil e feliz” (*idem, ibidem*, p.7. Este “Prefácio” foi tirado das edições seguintes.). Era a mesma conjunção de lirismo e luta de classe, inspirada pelos experimentos oswaldianos, que tanto Braga quanto Jorge Amado, em seus romances dos anos Trinta, incorporaram para radicalizar as contradições sociais, sem deixar no entanto de poetizar a consciência política crescente das classes pobres e espoliadas. É preciso estudar o impacto de *O Homem do Povo*, de *Serafim Ponte Grande* e seu prefácio, das colaborações jornalísticas de Oswald sobre estes dois escritores que estavam inovando a partir da experiência modernista (diferentemente do Romance do Nordeste que a rechaçava) a agitação política na literatura brasileira.

<sup>21</sup> ANDRADE, *Telefonema*, p. 316. O “Telefonema” é de 12/11/1949.

<sup>22</sup> ANDRADE, *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*, p. 79.

<sup>23</sup> Oswald de Andrade, *Chão Marco Zero - 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL - MEC, 1974, p. 202.

<sup>24</sup> “...continuo a afirmar que cada fase conduz em si a sua própria subversão. Veja como num período em que dominou o individualismo exaltado de Adam Smith a Jeremias Bentham, houve os adeptos de Maquiavel, houve os jesuítas e houve Kant. As contradições permanecem e se avolumam.

VOCÊ - E isso não tem fim ?

EU - Se fosse um antropófago transcendental, eu diria que não. A vida na terra produzida pela desgregação do sistema solar, só teria um sentido – a devoração. Mas se bem que eu dê à Antropofagia os foros de uma autêntica *Weltanschauung*, creio que só um espírito reacionário e obtuso poderia tirar partido disso para justificar a devoração pela devoração. [...] A guerra, os terrores do fascismo, o apelo às forças primitivas da humanidade, tudo isso, só, significa descalabro e morte para um ciclo – o ciclo individualista burguês. Nunca para a humanidade. Ao contrário, tudo vem apressar a revolução perpendicular que se está processando, em meio das mais violentas contradições, nos países mártires, nos países algozes e mesmo nos países amortalhados pelo conformismo. Através da reação, crepita e sobe a fé humana, a fé social, a fé numa era melhor. Estamos no verdadeiro limiar da História.” (ANDRADE, *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*, p. 28-29).

<sup>25</sup> ANDRADE, *Telefonema*, p. 414.

<sup>26</sup> Na apresentação da obra de Bachofen, escrita em 1935 para o público francês, Walter Benjamin se ocupou em discernir a teoria do Matriarcado do sábio suíço da apropriação que faziam dela os teóricos do Fascismo, entre os quais Klages. Esses continuadores a empregavam, insistia Benjamin, para justificar uma sociabilidade tutelada e a submissão masculina às forças orgiásticas do símbolo (necessárias à ideologia nazista), em detrimento do equilíbrio do ponto de vista de Bachofen: “Equilíbrio entre a veneração do espírito matriarcal e o respeito à ordem patriarcal. Equilíbrio entre a simpatia pela democracia arcaica e o conservadorismo da aristocracia de sua cidade [Bâle, na Suíça]. Equilíbrio entre a compreensão do simbolismo antigo e a fidelidade às crenças cristãs. Retenhamos este último. Pois face às teorias de um Klages, nada merece tanto ser sublinhado como a ausência de neopaganismo em Bachofen. [...] Pois se os sentimentos de Bachofen o inclinavam para o Matriarcado, sua atenção de historiador permanece sempre fixa no advento do patriarcado, cuja forma mais alta está representada para ele pela espiritualidade cristã.” (Walter Benjamin. “Johann Jakob Bachofen”. *Eco*. Bogotá: nº 221, março, 1980, p. 549).

<sup>27</sup> Talvez haja algum paralelo com a situação descrita por Marcuse para o Existencialismo francês: “A absurdidade histórica que reside no fato de o mundo não ter sucumbido após a derrota do fascismo, mas sim retornado a suas formas anteriores, de não ter empreendido o salto para o reino da liberdade, mas sim restaurado com honras a disposição anterior – essa absurdidade vive na concepção existencialista. Mas vive nela como um fato metafísico, não como um fato histórico.” (Herbert Marcuse. *Cultura e sociedade*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.53).

<sup>28</sup> Carlos Drummond de Andrade. *O avesso das coisas. Aforismos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990, p. 16.

<sup>29</sup> Refiro-me à série numerada de “Meditações”, escritas durante o internamento no Hospital Santa Edwiges em abril de 1954 (a poucos meses de sua morte, portanto) - ver *Telefonema*, pp. 411-414. Lembro que Benedito Nunes já associara a persistência desse “sentimento órfico” à influência do “Catolicismo arrebatado” de Oswald no período anterior ao Modernismo, do qual ele guardara “um núcleo teológico irreduzível” (*Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 47).

<sup>30</sup> “Tudo tendia se não à revolução pelo menos à renovação e à renovação profunda. Mas atuava um grande amor-tecedor – o sr. Getúlio Vargas.” (ANDRADE, *Telefonema*, p. 420). O texto é de 26/9/1954.

<sup>31</sup> Entre as invenções fortes de *Telefonema* está o comentário político que ressalta a ciranda de posições e o apequenamento da conjuntura brasileira. Nessa linha, Oswald produziu páginas excelentes como “Da política local”, “Da luta”, “Da ressurreição dos mortos”.

Resumo: Este texto analisa a coluna que Oswald de Andrade manteve no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1944-54). Essas crônicas tratam de temas da vida cultural e política brasileira do período, focalizando sobretudo a sociedade paulista. Neles estão resumidas suas posições da última fase de sua vida, após o rompimento com o Partido Comunista, inclusive permitindo que se acompanhe a retomada da Antropofagia, transformada numa espécie de filosofia.

Palavras-chave: Oswald de Andrade, modernismo, antropofagia, comunismo.

Abstract: This text analyzes the column that Oswald de Andrade published in the *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1944-54). These “crônicas” (a type of brief informal essay) were about political, intellectual, and cultural life in Brazil – particularly in the city of São Paulo. They express his final positions, after his break with the Communist Party – including his theory of “Antropophagy” in its quasi-philosophical version.

Key-words: Oswald de Andrade, modernism, antropofagy, communism.

*Recebido para publicação em 30/04/2005. Aceito em 10/05/2005.*